

Cultura indígena

Representante da tribo apache visita índios da região

Ele conheceu as dificuldades das aldeias

LUIZ GOMES OTERO
 Da Sucursal de Itanhaém

pela primeira vez um índio norte-americano, representante da tribo apache, visita o Litoral Sul para conhecer de perto os problemas enfrentados pelos remanescentes indígenas da tribo tupi-guarani da região. A iniciativa foi da Associação Awá Ninbonjeredjú, formada por um grupo de índios de Itanhaém, que vem desenvolvendo uma série de atividades com o objetivo de resgatar a cultura indígena e proporcionar uma convivência harmônica com o homem urbano.

O líder apache Morgan Eagle Bear veio para o Brasil a convite da associação indígena, e aproveitou a oportunidade para visitar as aldeias do Rio Branco em Itanhaém e do Itaoca em Mongaguá. "A situação daqui me lembrou muito a que meu povo vivia há 20 anos, nos Estados Unidos".

Segundo a presidente da associação, Catarina Delfina dos Santos, a proposta é promover uma troca de experiências, visando um intercâmbio cultural. "Os nossos irmãos norte-americanos também passaram pelos mesmos problemas que vivemos

hoje, com relação ao abandono observado nas aldeias".

Catarina dos Santos lembra que o índio possui uma cultura rica, que pode ajudar muito o homem que vive na cidade. "Está comprovado que o Brasil é um dos países que possui uma variedade grande de plantas e ervas medicinais. Ervas essas já são utilizadas há vários anos por nosso povo".

A presidente também acredita que os dois povos podem viver de forma harmônica, sem interferência na cultura e nas tradições. "A recuperação da cultura indígena passa pelo restabelecimento do respeito entre os povos".

O professor de História José Carlos dos Santos vem prestando apoio para a associação em Itanhaém há um ano, e disse que já foram obtidos avanços significativos. "Desenvolvemos um trabalho nas escolas da rede estadual em 98 que foi muito proveitoso. Encenamos uma peça interpretada pelos índios, que retratava os problemas enfrentados por eles, no que se refere à demarcação das terras e ao abandono das aldeias".

Ele revela que existe um programa educacional específico elaborado para as aldeias indíge-



Morgan Eagle Bear veio para o Brasil a convite da Associação Awá Ninbonjeredjú, formada por grupo de índios de Itanhaém

nas do Litoral Sul pela associação. "Esse projeto já foi aprovado pela Delegacia de Ensino e agora será avaliado pela Secretaria de Educação do Estado".

A proposta é considerada pioneira na Baixada e prevê a remuneração de professores índios e não índios, e uma didática especial para as tribos. "A Matemática, por exemplo, é adaptada para a cultura tupi-guarani", finalizou.

Líder descende do guerreiro Gerônimo

Morgan Eagle Bear é descendente do legendário guerreiro apache Gerônimo, e há 20 anos desenvolve um trabalho de conscientização nos Estados Unidos, que vem obtendo resultados positivos. Uma das conquistas dessa iniciativa foi a reserva de bolsa de estudos para índios em universidades, como por exemplo, a do Estado de Utah, que possui um número significativo de indígenas matriculados em diversos cursos.

Morgan discorda da tese de alguns puristas que defendem o distanciamento dos índios da vida urbana. "Isso é impossível. Não há como evitar o contato. Todos devem ter consciência de que essa convivência é perfeita-

mente viável".

E é esse trabalho de conscientização que vem sendo realizado nos Estados Unidos. "Ainda existem problemas, mas já são menores do que há 20 anos. Conseguimos evoluir positivamente, chegando ao ponto de conquistar vagas nas universidades americanas".

O líder apache explica que após concluir o curso, o índio retorna para o seu local de origem, para ajudar o seu povo através de sua nova profissão. "Ele passa a ter uma grande riqueza, pois tem os conhecimentos de duas culturas que se complementam".

Morgan elogiou o trabalho que vem sendo desenvolvido pela As-

sociação Awá Ninbonjeredju em Itanhaém. "Eles têm propostas válidas, que com um pouco mais de incentivo trarão resultados práticos positivos para os povos indígenas da região".

Gerônimo — Sobre Gerônimo, guerreiro apache que viveu no século passado, do qual sua família descende, Morgan conta que sua maior herança para os povos indígenas norte-americanos foi a coragem e o equilíbrio na relação com os outros povos da época. "Esse legado é propagado até hoje nas aldeias remanescentes. Ele foi uma figura muito forte, e me orgulho de pertencer à sua família".

Abandono é um dos maiores problemas

No Litoral Sul Paulista, o maior problema é o estado de abandono das aldeias tupi-guarani remanescentes em Mongaguá, Itanhaém e Peruíbe. Especialistas apontam a ausência de um trabalho de assistência social específico, voltado para a manutenção e preservação da cultura indígena, como um dos principais obstáculos, ao lado da escassez de recursos por parte do Governo Federal.

Em Itanhaém, o posto de atendimento médico ficou abandonado e sem médicos por vários meses, provocando um aumento significativo no aparecimento de doenças e na mortalidade infantil na aldeia.

A Prefeitura chegou a manter um programa de atendimento através da Unidade Volante, que ainda não é considerado ideal. Os indígenas são obrigados a an-

dar uma grande distância a pé, pois a estrada está em péssimas condições de tráfego, impedindo o acesso de veículos de grande porte ao local.

Uma das fontes alternativas de renda dos índios na região é a comercialização de palmito nativo nas feiras livres, e o cultivo da banana sob coordenação do Conselho Missionário Indígena (Cimi), que comercializa o produto diretamente para São Paulo, sem atravessadores.

Demarcações — Em todo o Brasil, existem 556 terras indígenas, mas de janeiro de 95 a setembro de 98, o Governo Federal havia demarcado somente 63 delas (o equivalente a 11% do total). Dos recursos investidos nessas demarcações, apenas uma pequena parte é proveniente da

União, ficando o volume maior por conta de convênios multilaterais com governos do G-7 e do Banco Mundial.

A União divulgou dados relativos à homologação de terras em favor dos índios, que atingiu a marca dos 26 milhões de hectares. Esse número é considerado pequeno, se comparado aos 30 milhões de hectares pertencentes às propriedades estrangeiras, aos 250 milhões de hectares de áreas devolutas e aos 285 milhões de hectares de latifúndios no País, segundo dados do Incra e do IBGE.

Atualmente existem 382 terras com procedimentos demarcatórios sem conclusão, como por exemplo, a Xukuru-Kariri em Alagoas. A identificação dessa terra foi paralisada no início de 98, motivada por pressões políticas.